



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MUSEUS E CRIANÇAS PEQUENAS: UMA RELAÇÃO ENCANTADORA

Michelle Dantas Ferreira; Adrienne Ogêda Guedes (Orientadora)

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Grupo FRESTAS); michaduda@yahoo.com.br

Resumo:

O estudo debruça-se sobre as instituições museais questionando seus acervos, estruturas, finalidades e os papéis que assumem na sociedade; destaca as crianças, figuras centrais do processo, explicitando as concepções que se tem delas e definindo algumas outras baseadas em questões do tipo: O que crianças pequenas vão fazer no museu? Como recebê-las? Por que levá-las? Lugar de criança pequena é no museu? Há a possibilidade dos museus repensarem seus acervos para receber essas crianças? Quem é o protagonista da visita? Qual é o papel do professor nessa visita? E o do mediador? E traz para a cena a Casa Daros, um museu que tem uma percepção da relação entre museu e crianças pequenas diferenciada, preocupando-se e contribuindo também com a formação do professor da Educação Infantil. A pesquisa reflete sobre a questão da ampliação de repertório cultural e da oferta de vivências variadas para as crianças desse segmento escolar, tendo como pano de fundo as relações estabelecidas entre a escola e o museu, o professor da turma e o educador que recebe o grupo, as crianças e o museu e entre o professor e as crianças após a visita. Defende-se que o contato com diferentes linguagens, desde a Educação Infantil, propicia uma ampliação do repertório das crianças, conferindo-lhe maior autonomia, espírito crítico e habilidades investigativas. A inserção numa cultura letrada e em ambientes que proporcionem múltiplas vivências, alargam os horizontes de tal forma que transformam e essas transformações farão parte da constituição desses sujeitos.

Palavras-chave: Museu, Educação, Infância, Formação, Estética.

Introdução

Os museus são instituições que trazem algumas definições estereotipadas, passando como locais que “guardam coisas velhas”, ou prédios antigos onde não se pode fazer barulho. Exatamente por isso, não são vistos como locais para crianças pequenas. A pesquisa inicialmente, volta seus olhos para essas instituições: Como são? O que guardam? Por que e para que foram criados? Qual o seu papel na sociedade? Para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

responder a tais perguntas acompanhamos uma análise de alguns museus que temos no Brasil e no mundo, exemplificando que, na maioria das vezes, as afirmações feitas acima fazem parte do repertório do senso comum e em nada – ou quase nada – tem a ver com a realidade. Isso pode ser percebido na forma diferente como essas instituições apresentam-se fisicamente, na disposição de acervos diversos, em formas diferenciadas de comunicação com o público (tecnológica, sensorial, contemplação) e nas variadas relações que a visita proporciona aos sujeitos, despertando díspares significações sensoriais e propiciando conexões entre conhecimento e afetividade.

É primordial, no entanto falarmos das protagonistas do trabalho e das visitas: as crianças, não sem antes questionarmos a percepção que temos delas. Que criança é essa? Quais as concepções de criança presentes em nossa sociedade? A partir de fragmentos de textos retirados de cantigas populares e poesias fica perceptível que há várias perspectivas de criança coexistindo em nossa sociedade e que, ao longo da história, elas foram vistas de forma, às vezes até antagônica: como mini adultos, seres puros e frágeis, tabulas rasas, seres que “virão a ser” alguém e sujeitos autônomos e imaginativos.

Dito isso, cabem então várias perguntas: O que crianças pequenas vão fazer no museu? Como recebê-las? Por que levá-las? Lugar de criança pequena é no museu? Há a possibilidade dos museus repensarem seus acervos para receber essas crianças? Quem é o protagonista da visita? Qual é o papel do professor nessa visita? E o do mediador?

Assim, ao longo desse trabalho de pesquisa, o foco da investigação está diretamente ligado ao seguinte problema: as crianças pequenas são contempladas em museus e centros culturais, estando os acervos e ambiente físico adaptados para elas, bem como os profissionais mediadores estão preparados para recebê-las?



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Metodologia

Por estar levando em consideração o trabalho com crianças, sujeitos ativos de uma prática social, não se buscou quantificar resultados, mas gerar qualificação ao que se estudou. Portanto, partiu-se da pesquisa qualitativa, que se preocupa com as questões cotidianas no contexto escolar. Quanto aos procedimentos a opção foi por Pesquisa-ação pois concordo com Tripp (2005) quando a define como "toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática", afinal, a pesquisa acontece ao observar, refletir e atuar com as crianças de Educação Infantil das turmas em que trabalho. Esse movimento me levou a buscar uma relação mais dialógica com as crianças, adultos e centros culturais que visitamos. Dessa forma, o trabalho se delineou na ação, que ora tem as crianças como centro, ora tem os museus como protagonistas. No entanto, em ambos os momentos, me coloco como mediadora e facilitadora, não esquecendo que participo como atuante e não apenas em um lugar de observadora.

A criança é um ser brincante, imaginativo, criativo e corporal, por isso no trabalho com crianças pequenas não se pode perder de vista a **ludicidade, fantasia do real, reiteração e interatividade** – os quatro pilares que sustentam as infâncias (Sarmiento, 2003). Segundo o autor, a criança é um ser fundamentalmente brincante, sendo nessas brincadeiras que aprende, capta o mundo e o transforma, (re)significando-o. Muitas vezes essa brincadeira é entremeada pelo “faz de conta” através do qual a criança consegue confrontar sua realidade, compreendendo-a e recriando-a e (re)caracterizar objetos e lugares que passam a assumir novas formas e funções. Isso acontece repetidas vezes no mundo infantil, que conta com um tempo diferente dos adultos por sua característica recursiva e imensurável e pela possibilidade de recorrência e repetição. Além disso, Vygotsky (1996) diz que é o olhar do outro que nos constitui como sujeito, ou seja, é na troca com o outro – adulto e criança – e posteriormente consigo mesma que aprende sobre o mundo que a cerca, numa relação dialógica. As crianças, então, vão a museus para ampliar seu repertório, apoderar-se, experimentar novas situações,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aprender e repensar esse aprendizado na troca com seus pares e com os adultos ali presentes. Para isso, a escola deve se fazer presente nesse processo, uma vez que também é um lugar de possibilidades. Em muitos casos, ela é o único lugar em que a criança tem reais chances de ter ao seu dispor uma infinidade de experiências sensoriais, investigativas, criativas, lúdicas, cognitivas, participativas, afetivas e o que mais couber na sua imaginação. Sabe-se, também, que muitas são as instituições escolares que não oferecem essas vivências às crianças, por isso centra-se a proposta de reflexão nessas escolas que realmente olham para os pequenos e buscam atender suas necessidades, abandonando o discurso das impossibilidades – tão presente na fala dos educadores – e enfrentando as adversidades para proporcionar às crianças um contato mais próximo com os espaços não formais de conhecimento, como museus e centros culturais. Para que isso ocorra é essencial o reconhecimento prévio do espaço a ser visitado, a relação entre o que será visitado e os objetivos que se tem com essa visita, um minucioso planejamento dessa atividade, que pode e deve incluir momentos de interação entre a obra e os pequenos e/ou entre o educador do museu, o da turma e as crianças; complementando também com objetos que favoreçam a troca e a experimentação (fotos, cordas, filós, animais plásticos, papéis etc.), sem que sejam prejudiciais às obras. Há grande importância em partilhar com as crianças o que será feito, contando previamente aonde elas irão e podendo brincar com sua curiosidade a respeito do que verão. O fundamental é que se mantenha um ar de magia e encantamento em torno da visita para que a expectativa desperte nelas a vontade de conhecer, de saber e de ser.

Figura 1 Casa Daros - Mediação interativa e participativa das crianças



Fonte: Arquivo pessoal

Museus são como pessoas, diversos, com personalidades distintas e as relações que serão estabelecidas dependerão muito da forma como você se relacionará com ele. Muitos são conservadores e reservados, avessos ao toque e a um contato tátil mais eminente – o que não impede a qualidade da relação, mas pode trazer uma frustração. Outros são mais abertos, permitem relações sensoriais e gostam disso, estimulando o público a fazê-lo. Alguns são aventureiros e ecológicos. Há os muito simples, mas carregados de sentimentalidades e lembranças; os expansivos e suntuosos, que causam em um primeiro contato certo desconforto devido ao tamanho e magnitude. Existem os tecnológicos, os pequeninos, os independentes, os populares e os nada populares. Enfim, como as pessoas podem ser de muitos tipos, se apresentarem de vários modos e possuírem essências diferentes. Mas na verdade, também como as pessoas, são únicos e a relação que estabelecerão com cada ser que se relaciona com eles também será única e dependerá do quanto se está disponível para aquilo e como essa relação será conduzida. Mas no final, poder-se-á encontrar neles verdadeiros tesouros, porque as experiências vividas afetarão de forma boa ou ruim. A escola precisa fomentar encontros: dos adultos com as crianças, entre os pares, entre os adultos e sua criança interior, entre pessoas, artes, sentimentos, natureza e saberes. Faz-se necessário a democratização da arte, como diz Canclini (2001) e as instituições



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

têm potencial para isso. A boniteza da escola está em tudo aquilo que ela pode proporcionar.

Figura 2 Casa Daros - Exposição Le Parc



Fonte: Arquivo pessoal

Proporcionar momentos fora da escola é possibilitar a legitimação desses sujeitos, que são detentores e produtores de cultura, abastecendo-lhes a memória e consequentemente, enriquecendo as narrativas. Os passeios então, se revestem de significados e importância, como nos coloca Stela Barbieri (2012):

quando saímos com nossos alunos para [aulas passeio], podemos aproveitar todas as oportunidades como situações de ensino. Podemos expandir o lugar do entretenimento para o lugar da aprendizagem, lugar onde nós e nossos alunos podemos conhecer.

Figura 3 Centro Cultural da Caixa - Exposição Miró 2014



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Fonte: Arquivo pessoal

Afinal, são os museus espaços de magia e encantamento? Podem e devem ser, já que as crianças reinventam lugares e objetos, burlam momentos de autoridade e tensão com brinquedos ou sem eles – que nem sempre são os convencionais – para brincar; necessitam da interação com o outro e com o mundo e constroem saberes a partir de suas vivências. No entanto necessitam se sentirem acolhidas e pertencentes ao lugar, por isso as relações estabelecidas nesse espaço farão toda a diferença na experiência que será proporcionada a essa criança, pois como diz Larrosa (2014):

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço.

Figura 4 CCBB - Exposição Obsessão Infinita



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Fonte: Arquivo pessoal

Apesar da vontade de inserir as crianças nesses espaços, nem sempre eles estão dispostos e preparados para atender esse público. Normalmente, recebem-se as crianças da mesma forma que qualquer outro público, variando apenas, na linguagem utilizada. Com isso, acaba-se por massificar a arte, que outrora estava reservada apenas para as elites. Essa questão é tão forte que impõem-se um ritmo à visita, um itinerário rígido e regrado, controlado pelos funcionários dos museus. Canclini (1998) traz isso em seu texto de forma bem ilustrativa, ao comparar o museu com uma procissão, penitência e ao retratar o ocorrido durante uma dessas visitas, que deveria permitir certa liberdade do público: “Mas o visitante descobriu que sua inovação estava proibida. Não era possível voltar aos quadros de uma sala anterior, construir o próprio itinerário. Os guardas impediam que um quebrasse a série, a ordem imposta pelos curadores”. Com as crianças acaba-se fazendo o mesmo, ou pior, pois a infância é marcada pelas necessidades do corpo, que deve permanecer quieto, engessado, moldado. O que fazer então? Como estabelecer uma parceria mais eficiente entre escola e museu? Ainda existem poucos museus que realmente estão prontos para receber crianças, principalmente os bebês e isso acontece fundamentalmente nos espaços museais fora do nosso país. No entanto, acredita-se que as mudanças vêm quando se há demanda e para haver demanda necessita-se de mudanças comportamentais por parte dos educadores e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

do público, que ainda veem com preconceito e certa discriminação a circulação e participação de crianças nesses espaços, pautados na ideia de que elas acabam por incomodar a visitação. Precisa-se enxergar a infância como um público, que como tal, tem características e necessidades específicas e que ainda assim, não é homogêneo. Nesse cenário destaca-se a Casa Daros¹, com uma dinâmica que pensa a infância, atendendo as demandas de crianças bem pequenas. Além disso, realiza encontros voltados para os educadores nos quais propõem reflexões sobre temas diversos, como a infância, as relações que acontecem na escola, nos diferentes espaços e faixas etárias, dando subsídios para que esses educadores proporcionem maiores vivências para esse grupo fora dos muros da escola.

Figura 5 Casa Daros - Intervenção das crianças pautados na obra



Fonte: Arquivo pessoal

Conclusões

A visitação a museus e centros culturais contribui não só para ampliar nas crianças, saberes e conhecimentos de diferentes naturezas, mas também para alargar seus padrões de referência e identidade, que farão parte desses indivíduos de forma plena e integral, uma vez que, sua contribuição não fica presa a momentos estanques, estando arraigada na constituição desses sujeitos que são cidadãos de direitos com pouca idade, mas

¹ Espaço museal localizado em Botafogo, no Rio de Janeiro, que conta com um acervo e exposições focadas nos artistas latino-americanos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

muitos saberes, ativos de uma prática social, detentores e produtores de cultura, brincantes, imaginativos, criativos e corporais, sociais e protagonistas no processo de ensino-aprendizagem. A escola é responsável por isso! É nela que a maioria das crianças passam seus dias, vivem suas histórias, interagem com seus pares, desenvolvem-se. Mas ao invés de ampliar, querem reduzir; no lugar de enaltecer as singularidades, buscam enquadrar, formatar, separando realidade e fantasia; ciência e imaginação; razão e sonho; brincar e produzir; ler e escrever, como se essas dicotomias não fossem possíveis de coexistir no universo infantil. O papel da escola é fomentar, proporcionar experiências, e não distribuir um mar de informações que não fazem o menor sentido para as crianças, pois não estão veiculadas as suas práticas, nem lhes afetaram de alguma forma.

No entanto, ao longo da pesquisa percebemos que nem os museus estão preparados para receber as crianças pequenas como público, pois não proporcionam vivências de encantamento nessas instituições; nem as instituições escolares, bem como os professores, também estão preparados para levar as crianças pequenas aos museus, impedindo vivências que sensibilizam o olhar e as ações das crianças e desses docentes.

Porém, encontramos na Casa Daros uma instituição museal com diferenciada perspectiva de interação entre crianças pequenas, acervos e museus, estimulando a experimentação e conseqüentemente levando ao aprendizado como experiência estética. O trabalho realizado na referida instituição é inovador e pioneiro ao possibilitar a inclusão de objetos que enriquecem a visita sem danificar o acervo, inserindo atividades de desdobramento mais sensoriais que acabam por suprir a necessidade de tocar nas obras, garantindo assim uma experimentação mais sensível, com uma formação estética que viabiliza olhares, escutas, falas e disponibilidade para o outro, sempre afetando de alguma forma, sem julgamentos, valores e pudores, mas deixando marcas que muitas vezes são sentidas no mais profundo silêncio e que se expressam num gesto, num toque, num olhar. Vivências, experiências, sensações, vida.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As crianças, então, vão a museus para ampliar seu repertório, apoderar-se, experimentar novas situações, aprender e repensar esse aprendizado na troca com seus pares e com os adultos ali presentes. A Aprendizagem é pensada como afetamento, tornando-se um acontecimento estético por passar pelos sentidos, atravessar as emoções e estar presente nas relações. Por isso, essas instituições devem ser locais de diversão, criatividade, ludicidade, interação, fantasia e ressignificação.

Referências Bibliográficas

ALGEBAILLE, Maria Angélica Pampolha. *Entrelaçamento de vozes infantis: uma pesquisa feita na escola pública*. In: KRAMER, Sonia et al. *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. (Série Prática Pedagógica)

ARROYO, Miguel, SILVA, Maurício Roberto da (Orgs). *Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARBIERI, Stela. *Interações: onde está a arte na infância?* São Paulo: Blucher, 2012.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Parecer CNE/CEB Nº. 20/2009 e Resolução CNE/CEB Nº. 05/2009, Brasília/DF, 2009.

CAMÕES, Maria Clara, TOLEDO, Leonor Pio Borges de, RONCARATI, Mariana. *Infâncias, tempos e espaços: tecendo ideias*. In: KRAMER, Sonia et al. *Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

CARVALHO, Maria Cristina, PORTO, Cristina Laclette. *Crianças e adultos em museus e centros culturais*. In: KRAMER, Sonia et al. *Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

CORSINO, Patrícia. *A brincadeira com as palavras e as palavras como brincadeira*. In: CORSINO, Patrícia (org.). *Educação Infantil: cotidiano e políticas*. São Paulo: Autores Associados, 2012.

DIAS, Karina Sperle. *Formação estética: em busca do olhar sensível*. In: KRAMER, Sonia et al. *Infância e Educação Infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Série Prática Pedagógica)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

EDWARD, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.

GUEDES, Adriane Ogêda, FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. *Bordando palavras, costurando memórias: práticas de formação-ação*. In: KRAMER, Sonia et al. *Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas, SP: Papirus, 2013.

KRAMER, Sonia. *Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin*. In: *Infância: fios e desafios da pesquisa*. Campinas, SP: Papirus, 1996. (Série Prática Pedagógica)

LEITE, Maria Isabel, OSTETTO, Luciana Esmeralda (Orgs). *Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas, SP: Papirus, 2005. (Coleção Ágere)

_____. *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Ágere)

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Traduzido por Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

MUNIZ, Luciana. *Naturalmente criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural*. In: KRAMER, Sonia et al. *Infância e Educação Infantil*. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Série Prática Pedagógica)

OSWALD, Maria Luiza. *Ver e sentir: imagem técnica, recepção e leitura*. In: *Infância e juventude: narrativas contemporâneas*. Petrópolis: DP et Alii, Rio de Janeiro: Faperj, 2008.

PASSOS, Marilsa Carla, RIBES, Rita Marisa (Orgs). *Educação experiência estética*. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

_____. *Brecht, a escola é uma criança que fala: as crianças produtoras de culturas*. In: *Identidade, diversidade: práticas culturais em pesquisa*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2009.

TIRIBA, Léa, BARBOSA, Silvia Néli, SANTOS, Núbia. *O cotidiano da Educação Infantil: buscando interações de qualidade*. In: KRAMER, Sonia et al. *Educação Infantil: formação e responsabilidade*. Campinas, SP: Papirus, 2013.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.